

# RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, LINGUAGENS E CULTURAS: ESTUDO DAS PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS DO UMBANDAUM NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES ÉTNICO-CULTURAIS EM CARAVELAS-BA (1988-2018)

*Itamar dos Anjos Silva* (UFSB)

[orixacaboclo@gmail.com](mailto:orixacaboclo@gmail.com)

*Francisco Antonio Nunes Neto* (UFBA)

[xicco7@hotmail.com](mailto:xicco7@hotmail.com)

## RESUMO

O Grupo Afroindígena de Antropologia Cultural Umbandaum atua há mais de trinta anos em Caravelas e em outras localidades da região extremo sul da Bahia, resistindo na luta pela valorização das identidades étnico-culturais. Esta pesquisa registra narrativas de quatorze entrevistados, dentre antigos e atuais participantes do grupo, apreendendo suas concepções acerca das práticas socioeducativas realizadas pelo Umbandaum e de como estas se prestam aos processos de construção de identidades. Os resultados desse estudo apontam que o grupo investigado, por meio de suas memórias, revela a história e força educativa do Umbandaum ao longo de seus 30 anos de existência, ao que tudo indica, o Umbandaum demonstra possuir um potencial criativo que repercute no papel educativo e permite refletir sobre aspectos culturais, sociais e políticos na região.

**Palavras-chave:** Caravelas. Umbandaum. Práticas socioeducativas.

## ABSTRACT

The Umbandaum Afro-Indigenous Group of Cultural Anthropology has been operating for over thirty years in Caravelas and other locations in the extreme south of Bahia, resisting the struggle for the valorization of ethnic-cultural identities. This research, therefore, records narratives of fourteen interviewees, among former and current participants of the group, apprehending their conceptions about the socio-educational practices performed by the Umbandaum and how they lend themselves to the processes of identity construction. The results of this study indicate that the group investigated, through their memories, reveal the history and educational strength of Umbandaum over its 30 years of existence. It seems that Umbandaum has a creative potential that has an impact on the educational role. and allows reflection on cultural, social and political aspects in the region.

**Keywords:** Caravelas. Umbandaum. Socio-educational practices.

## 1. Introdução

O grupo Afroindígena Antropologia Cultural Umbandaum foi fundado no dia 13 de maio de 1988, como resistência aos grupos políticos

locais que induziam a população caravelense em comemorações dos 100 anos de abolição da escravidão. Na contramão da folclorização do 13 de maio, o grupo Umbandaum com batuques, atividades de capoeira angola, poesias e teatro de rua, revelou à população local o engodo da abolição da escravidão, como repúdio às constantes manipulações e violações das tradições culturais da cidade e de seu entorno por grupos de interesses político-partidários.

O Umbandaum está vinculado ao Movimento Cultural Arte Manha, que recebeu o título de ponto de cultura em 2008. Nesse sentido, através do registro de narrativas de membros que integram o Umbandaum, apresentamos o processo de estruturação do Umbandaum ao longo dos seus trinta anos (1988-2018). Uma história construída a partir das indagações: Que práticas socioeducativas promovidas pelo Umbadaum são identificadas como de transformação social, política e simbólica? Que ações socioeducacionais são apontadas pelos sujeitos que participam do Umbandaum como mobilizadoras de posicionamento políticos capazes de fortalecer o sentimento de pertencimento ao movimento cultural?

A pesquisa se pautou nos seguintes objetivos: refletir sobre os pensamentos e as soluções encontrados pelo Umbandaum quanto à abordagem das questões étnico-culturais em suas práticas educativas e verificar as contribuições de suas ações na formação política de seus participantes; apreender os caminhos traçados pelo Umbandaum, avaliando os impactos de suas ações na afirmação étnico-racial em Caravelas (BA).

A análise demandou realização de entrevista em profundidade com quatorze depoentes (sendo nove<sup>1</sup> agentes culturais ligados diretamente ao Umbandaum e cinco colaboradores<sup>2</sup>, oriundos de outras instituições). Nestas entrevistas buscamos capturar nas narrativas a concepção de ensino, de propostas educativas e de métodos adotados pelo Umbandaum.

As entrevistas em profundidade foram norteadas por um roteiro estruturado em quatro itens: no primeiro, aspectos de identificação socio-cultural, incluindo o nível escolaridade e/ou instrução, comunidade de origem, tempo de residência em Caravelas ou em algum de seus distritos,

---

<sup>1</sup>Dentre os formadores do Umbandaum entrevistados temos: Hilma dos Anjos Silva (Dadá), Jaco Galdino, Carla Galdino, Cleison Medeiros, Rui Galdino, Jorge Galdino (Dó Galdino), Simone dos Anjos, Líliam Bertoso, Ludimila Justino, Jorge Galdino.

<sup>2</sup>Helânia Thomazine Porto, Jéssica Silva Pereira, Clóves Neide Fidelis da Paixão (Chicão), Mauro Cianro Ramos de Carvalho e Vanessa Rozisca.

e ocupação e/ou função que exerce no Umbandaum e fora dele. No segundo item, incluímos questões que situavam as vivências de cada entrevista no Umbandaum, como o seu tempo de participação no Umbandaum. Já no terceiro, a forma como se inseriu no grupo e as primeiras atividades que participou e as dificuldades encontradas nessas inclusões. O quarto item acerca dos sentidos e avaliações atribuídos ao Umbandaum, às suas práticas educativas e aos seus métodos.

Quanto ao que é método, interessante se faz delimitar o que se entende por método. Nesta pesquisa, ampoiamo-nos na contribuição de Carlos Rodrigues Brandão (2017), portanto, um modo que se educa enquanto se constrói, ou seja, como um processo constituído com sequências e etapas necessárias para a realização de algo de forma criativa. Logo, inferimos que o método pode ser compreendido como uma ferramenta imaginada e criada, capaz de ajudar “o homem a começar pelo começo; por um jeito mais humano de ensinar-aprender a ler-e-escrever. Uma das práticas sociais que dentre tantas questões busca responder: – por quê? e – para quê?”. (BRANDÃO, 2017, p. 8)

Além das entrevistas como instrumento de pesquisa, esta produção científica também requereu fundamentações teóricas, como os estudos realizados em Silva (2003), Tavares e Garcia (2008), Mestre Didi (2004), Alexandre Barbalho (2007), Isaura Botelho (2007), George Yúdice (2013), Carlos Rodrigues Brandão (1985), Jacques Le Goff (2003) e de Michael Pollak (1992). Além de participações do pesquisador em ações culturais, como na festa de celebração dos 30 Anos do Umbandaum, em 13 de maio de 2018. Estas ações apreendidas em gravações e registros fotográficos.

Nessa perspectiva, as memórias individuais e coletivas foram acolhidas como um tecido social e histórico, interpretadas numa perspectiva qualitativa, isto é, por meio do intercruzamento de discursos, recolhendo nestes os elementos definidores do que seja o ensino das relações étnico-raciais e a construção identitária no contexto do Umbandaum.

## **2. *O Grupo Afroindígena Antropologia Cultural Umbandaum na perspectiva dos entrevistados***

O Umbandaum foi constituído por jovens da periferia de Caravelas, gradativamente transformou o pensar e a maneira de pensar e realizar ações culturais na cidade, praticando e escrevendo uma história sobre

identidades e culturas, através da utilização de expressão corporal no processo de resistência política e identitária.

O nome do grupo foi inspirado na poética de Gilberto Gil, especificamente da música “Banda Um”, com o objetivo de trabalhar a questão do negro como uma presença forte, que simbolicamente representasse a luta, a resistência e a identidade.

Daí surgiu de a gente criar um grupo de dança e trabalhar mais essa questão negra e veio o Umbandaum. O nome do grupo veio assim em homenagem a Gilberto Gil, que é coisa de Itamar. Itamar que trouxe esse nome, era um nome provisório e foi ficando. Ficou na memória, enraizando essa marca de ser negro. Acho que isso também é uma marca em Caravelas, não se falava em negro em Caravelas, negro era uma coisa descartada! (Jaco Galdino, 2019)

Para Jaco Galdino esses sujeitos buscavam promover uma *contracultura*. Ele ainda informa que o termo “contracultura” já era utilizado por outros movimentos de jovens que marcaram os anos de 1960. E ainda partindo do conceito de contracultura apresentado por Carlos Alberto Messeder Pereira (1992), o coletivo do Umbandaum entendeu suas ações como formas de enfrentamento à ordem sociopolítica, que em sua maioria se apresentou profundamente radical e ligados às forças mais tradicionais e dominantes da sociedade.

Contracultura é entendida também no contexto do Umbandaum como formas de criticar a sociedade vigente e o sistema capitalista, por meio das expressões artísticas e das formas políticas de organização do grupo. Entretanto, essa contracultura se diferencia dos movimentos culturais, por defender a produção de uma cultura independente da capitalização, pois os membros do Umbandaum se consideram como sujeitos em processos/movimentos que sabem, fazem e ensinam artes, balizadas na tradição e em novos conhecimentos, conforme os educadores populares de movimentos sociais que viabilizaram experiências políticas a partir de expressões culturais nos anos de 1960.

O Umbandaum sempre buscou integrar as várias dimensões das diferentes culturas brasileiras como ‘coisas’ vivas que, exatamente por serem assim, existem e estão em permanentes diálogos com os saberes locais, como forma de resistência à cultura eleita pelos meios hegemônicos, conforme nos lembra Jaco Galdino (2018):

Umbandaum é um espaço revolucionário, um espaço livre de aprendizado, de alma, de deixar vir de dentro para fora. Se você soltar sua alma, você solta seu espírito! [...]você consegue fugir desses padrões que nos amarram. A gente vive amarrado. Eu acho que a gente quer aprender a se libertar!

Jaco Galdino (2018) indica ainda que o Umbandaum no movimento Arte Manha de Caravelas tem possibilitado a promoção de diálogos entre educação e cultura, como uma forma de luta e de resistência afroindígena. Nessa busca utiliza-se de expressão corporal como linguagem e símbolo de luta política e de afirmação identitária, transformando suas práticas culturais em uma construção discursiva com vistas a contribuir na conscientização dos diferentes sujeitos envolvidos.

O referido depoente ainda informa que, gradativamente a questão étnico-racial abordada pelo Umbandaum foi sendo ampliada, pois se percebia nas performances e nas expressividades teatrais, musicais, poéticas e plásticas a presença da cultura indígena. Logo, o grupo trouxe para si a responsabilidade da afirmação de identidades negra e indígena, buscando os valores étnicos-raciais na história, nas tradições, nos movimentos sociais, utilizando-se de linguagens, como dança, literatura, teatro, música e artes plásticas.

Aí que veio o teatro, a dança, a capoeira, o entalhe, pois essa pulsação de ser negro e indígena era uma necessidade! A partir da arte e dessa identidade a gente começou a se perceber negro e nessa percepção, também o sentimento de ser índio, de se fazer índio, do nosso jeito de ser índio e de ser negro! (Jaco Galdino, 2019)

As identidades negras e indígenas são trabalhadas nos/pelos movimentos pautados em valores étnicos. Etnicidade, entendida na perspectiva de Cunha (1983, p. 98-99), como “formas de organização social em populações cujos membros se identificam e são identificados como tais pelos outros, constituindo uma categoria distinta de outras categorias da mesma ordem”, em que há a utilização de signos culturais para falar desses segmentos sociais. Portanto, podemos pensar as práticas socioeducativas do grupo Umbandaum como formas complexas de abordagem de questões étnicas, culturais e políticas, em que os sujeitos que participam dele reflitam, interpretem criticamente a sua realidade e intervenham socio-político-culturalmente em seus contextos, por meios de signos culturais.

Não se trata de qualquer signo cultural, pois a proposta do Umbandaum sempre foi pela crítica à sociedade elitizada, buscando nas ações e no fomento de expressões plásticas dar conta das questões raciais, dos processos excludentes, da negação do capital econômico a grande parte da população afrodescendente e indígenas de Caravelas e do extremo sul da Bahia. As colaboradoras Jéssica Silva (2018) e Vanessa Ro-

zisca (2018), assim explicitam sobre o posicionamento político do Umbandaum:

A vertente política do Umbandaum é pautada na questão racial, tanto da questão indígena como da questão do povo negro, e isso está muito ligada à questão da acessibilidade. Eu vejo isso muito presente tanto no cotidiano quanto em suas atuações artísticas. (Jéssica Silva, 2018)

O que o Umbandaum propõe não é só aquela questão estética, plástica, muitas vezes interpretada como folclórica. Quando o Umbandaum está na rua com uma questão plástica, está como um grupo de enfrentamento político, por ser um grupo político e social. (Vanessa Rozisca, 2018)

Outro ponto de partida para que esse movimento cultural se estruturasse como grupo de resistência foi a inclusão de líderes de terreiros de candomblé e da umbanda existentes em Caravelas desde a década de 1980. A musicalidade baiana de temáticas negras, trazidas por grupos culturais como Olodum, Ilê Ayê, Muzenza também foi incorporada às práticas culturais e educativas do Umbandaum. Desse modo, em busca de um pertencimento étnico-racial o Umbandaum sempre se manifestou em meio às transformações sociais, políticas e culturais ao longo desses 30 anos, pensando na tradição como sentido de pertencimento, reinventando em outras dinâmicas de atuação e de manifestação.

O grupo Umbandaum continua sendo liderado pelas mesmas pessoas que, em finais dos anos 1980, autodefiniram-se por afro-indígenas. Descendentes de negros e de indígenas que habitavam e ainda habitam a região do norte capixaba e do sul baiano, convertidos em trabalhadores rurais, que durante as décadas de 70 e 80 deixaram suas terras e seguiram para as cidades pequenas e médias da região devido à expansão de grandes madeireiras e da pecuária.

Desde então, as atividades do grupo Umbandaum vêm oferecendo uma efetiva alternativa de educação cultural, e articulado ao Arte Manha vem possibilitando, em alguns momentos, a criação de uma economia solidária, responsável pela geração de renda, atendendo em média vinte famílias que vislumbraram a possibilidade de desenvolver uma economia solidária, uma vez que não há qualquer tipo de apoio do governo local, estadual ou federal.

As atividades grafo-plásticas e musicais são garantidas pela autonomia de um número significativo de sujeitos das famílias dos Galdino e dos Anjos. Apesar de Dó Galdino, que ocupou a função de secretário de cultura – 2009 a 2011, de Itamar dos Anjos, que também atuou como secretário de Cultura – entre 2011 a 2013, e Jaco Galdino, que ocupa o re-

ferido cargo, o que ocorreu nesses períodos foi prestação de serviços do Arte Manha a secretaria de cultura de Caravelas, sem vínculos empregatícios e apoio financeiro às atividades do grupo. As dificuldades e os limites para a realização de diferentes práticas educativas sempre foram e estiveram amparadas pela instituição Movimento Cultural Arte Manha, que mesmo na condição de Ponto de Cultura, não recebe recursos para as demandas do Grupo Umbandaum.

O grupo, dessa forma, vem buscando estratégias para resolver os problemas enfrentados, considerando as possibilidades de encontros, articulações com outros movimentos sociais e grupos culturais, ONGs e parceiros de modo geral com vistas a garantir sua autonomia e existência. Sobre isso, podemos verificar no informativo:

O Umbandaum vem promovendo, desde 1988, um trabalho de consciência, resgate e fortalecimento da cultura afro e indígena em Caravelas e na região do Extremo Sul da Bahia. Dentro de suas ações, vem desenvolvendo em caráter voluntário, oficinas e cursos com atividades de dança afro-indígena, figurinos, cenários, alegorias, músicas e construção de textos poéticos e temáticos. A realização destas atividades se dá a partir do trabalho de direção artística do Movimento Cultural Arte Manha, à qual o grupo está filiado há 20 anos e comprometido com a multiplicação de seus conhecimentos e saberes tradicionais e contemporâneos. (Boletim do Arte Manha, 2008, p. 1)

Desse modo, o Arte Manha em apoio ao Umbandaum, e vice-versa, organicamente se constituem como um movimento político, um “corpo político” e identitário, revolucionário e de resistência. A resistência desses grupos está no enfrentamento ao racismo, desde as primeiras expressões artísticas e ocupações teatrais nas avenidas de Caravelas, o que viabilizou a construção de uma *pedagogia particular* que perdura há 30 anos. São diversas formas de manifestação, desde ações mais individuais, no âmbito profissional, às coletivas, como no princípio, pelo teatro experimental de rua, espetáculos e ações do bloco carnavalesco, incluindo a banda Umbandaum, conforme recortes de depoimentos:

Esse movimento político é uma coisa forte na gente e a gente tinha essa luta política e junto com isso veio essa política da identidade negra. [...]. A estética é um processo revolucionário, um processo de transformação! Assumir uma estética negra foi um processo revolucionário, junto com isso também o posicionamento político, se colocando dentro do processo político alternativo [...]. (Jaco Galdino, 2019)

Nas proposições dos Umbandaum há uma preocupação com a formação de uma consciência. – Quem eu sou? O que esse tema tem a ver comigo? Como me construo a partir disso? Conforme o que propõe Carlos Rodrigues Brandão, uma educação para a formação de uma consciência política, a partir de um movimento cultural. E nesse caso, o profissional que está envolvido,

## Linguagens e Culturas: Identidade, Ensino e Literatura

que está liderando, torna-se um agente cultural [...] que é ao mesmo tempo político. Então, o Umbandaum, além dele ser um ator cultural é um ator político orgânico, conforme nos lembra Gramsci, pois o Umbandaum não está simplesmente preocupado com a arte pela arte; é uma arte engajada, uma arte política, uma cultura voltada para a formação política dos que participam. (Helânia Porto, 2018)

O Umbandaum é um espaço de democracia... O Umbandaum é uma grande família, por mais que muitas pessoas sejam meus parentes, as outras pessoas que não são de sangue, são de coração, então, a gente tem todo mundo ali dentro. Trabalho o respeito e a resistência, por mais que a gente pregue a questão do negro e das religiões de matriz africana, é para a pessoa conhecer, entender, respeitar, e gente poder dançar os passos dos orixás. Quando a gente dança os passos dos orixás, a gente se liberta. (Carla Galdino, 2018)

Todos os corpos negros que são membros do Umbandaum são corpos políticos! Isso fica evidente na fala, no gesto; isso fica evidente na arte que é executada, isso fica evidente, por exemplo, quando a gente vê na avenida a energia pulsante, ali é um corpo político gritando resistência o tempo todo! Então, a gente não consegue pensar Umbandaum dissociado da política. Umbandaum é um corpo político atuando dentro do espaço do extremo sul da Bahia. (Jéssica Silva, 2018)

Diferentemente de outras organizações de formação e de educação, o Umbandaum se constitui como uma força que se soma ao Arte Manha. Por terem estes dois espaços objetivos comuns são estruturados de forma orgânica. Logo, os planejamentos e as ofertas de oficinas, às vezes, acontecem em um mesmo contexto e evento. Essa forma de organização como um “circuito socialmente organizado, visível e palpável” (BOTELHO, 2007), pode ser entendido como um modelo de práxis democrática, de gestão participativa e colaborativa aos modos Umbandaum.

### ***3. Sentidos atribuídos às práticas educativas e aos métodos de ensino do Umbandaum***

O Umbandaum sempre buscou por meio do *teatro*, desde a sua gênese, a valorização e a reconstrução de aspectos das identidades étnico-raciais, conforme o relato de Dó Galdino (2019):

A partir das manifestações de teatro puxadas por Itamar dos Anjos Silva e Jaco Galdino o Umbandaum nasceu justamente. Na verdade, nasceu quando junto nessas expressões a questão afrodescendente, por que até então, era simplesmente, essa cultura vanguardista do grupo de capoeira e dos grupos de afoxés, mas que não tinham essa conotação política. O grupo de capoeira nasceu com esse processo de enfrentamento em 1988, mas com a junção do Grupo Aveso em Cena com o Grupo de Capoeira Pé no Ar, para ali, aconteceu o grande gancho para se discutir a questão da afirmação da identidade cultural afro-brasileira. Foi quando, em 13 de maio de 1988, na comemoração da Abo-

lição da Escravidão. Esses dois grupos juntos, o teatro e capoeira entraram para contrapor essa ideia da comemoração dos 100 anos de Abolição. No protesto a essa comemoração nasceu a ideia de criar a faixa “100 anos da falsa abolição”, ali veio para mim a essência do grupo Umbandaum. (Dó Galdino, 2019)

O grupo foi fortalecendo sua identidade política, estabelecendo o teatro como um instrumento singular de promoção e de afirmações identitárias afro-indígenas. Nesse sentido, os espetáculos foram e são montados para informar, conscientizar e sensibilizar a comunidade acerca de seus patrimônios naturais, históricos, arquitetônicos e culturais. A cultura pensada como elemento básico no processo de resistência às superestruturas econômicas definidoras do capital e do poder, portanto um lugar dos afro-indígenas denunciarem, em seus espetáculos, a “fome de tudo”, de direitos e de cidadania, como a crítica apresentada no espetáculo “Comida”.

Outro exemplo da arte cênica engajada do Umbandaum tem-se o espetáculo “Queima de Arquivo”, este traz uma revelação das violências sofridas pelos povos indígenas, como por exemplo, o assassinato de Galdino Pataxó Hã-Hã-Hãe, em Brasília.

Os depoimentos de Cleison Medeiros e de Vanessa Rozisca, que participaram do espetáculo Queima de Arquivo, definem a função educadora e política do teatro no contexto do Umbandaum:

O que mais me tocou, me emocionou de verdade foi o show que a gente fez na cidade de Eunápolis – o show “QUEIMA DE ARQUIVO”. Foi um show muito importante porque conta a história do índio Galdino que foi assassinado, esse foi um dos momentos importantes que tive aqui no Umbandaum. (Cleison Medeiros, 2019)

Itamar já me colocou no espetáculo Queima de Arquivo, na primeira versão do espetáculo, [...] com o passar dos anos ali com o Umbandaum [...] fui crescendo, me identificando, me conhecendo e conhecendo os aspectos políticos, sociais, culturais do Arte Manha. Aí aprendi, e a partir desses momentos eu me inseri cada vez mais no grupo, e me afirmei muito mais a partir desse momento. (Vanessa Roziska, 2019)

A busca de afirmação da identidade cultural, no âmbito social, político, simbólico e afetivo no Umbandaum representa um papel fundamental na vida dos sujeitos inseridos em seus projetos. Nesse sentido, o teatro como linguagem vem compondo o tecido da etnicidade, portanto, necessário se fez para o grupo o conhecimento da literatura popular e dos mitos, reforçando, assim, o sentimento de pertencimento ao grupo étnico-racial:

## Linguagens e Culturas: Identidade, Ensino e Literatura

A arte é capaz de transformar o ser humano. Para mim foi a dança e foi o teatro. Fui engajada e não quero parar nunca! O Umbandaum para mim foi uma das escolas que me fez crescer como ser humano, me fez crescer como mulher, me fez ser quem sou. Fez eu levar em frente toda essa luta, que eu sempre falo, desde o início que me orgulho demais que dos que os meus ancestrais deixaram pra mim, e é o que eu passo para essa nova geração, para os meus filhos, para os filhos de quem frequenta aqui também. Porque aqui entraram crianças que hoje já são mães, já são pais, e o Umbandaum pra mim é esse engajar para vida mesmo, para levar para todo o sempre. (Simone dos Anjos, 2018)

Na forma de experienciar o teatro, conforme depoimento Simone, revela-se um sentimento profundo de pertencimento ao coletivo que passa ser considerado como família. O que alimenta essa fraternidade, talvez seja também a força da espiritualidade africana e indígena, que se manifesta nas artes e nas demais linguagens utilizadas pelo movimento. Com seu corpo e espiritualidade cada um se afirma na existência individual e na construção da identidade étnico-racial coletiva. Os corpos negros que foram arrancados de suas terras originárias, pela travessia do Atlântico em tumbeiros, trazendo as marcas da resistência, no teatro, são projetados para o aqui e agora da vida, em enftretamento aos preconceitos, ao mesmo tempo em que constroem outras perspectivas de futuro.

Entendemos, assim, que não se fomenta cultura afro-indígena brasileira individualmente, na solidão, mas no coletivo, na cooperação com o outro. As manifestações artísticas do Umbandaum estão alicerçadas nesse sentimento de pertencimento e na participação coletiva, de tal forma que cada indivíduo, sem romper com os demais, possa desempenhar sua representação de ordem cósmica, possibilitando encontro com conhecimentos do passado para transmissão do novo.

Outro investimento desse coletivo são as produções de curtas-metragens via *Cine-Avenida*. Algumas dessas produções foram premiadas em concursos nacionais, como os curtas “Lia e Não Manguê de Mim”. Um dos últimos trabalhos foi “A lenda do Monte Pascoal”: uma história de amor do jovem casal de pataxós, Zabelê e Ythamawy que atravessa o tempo, gravada nas aldeias nas aldeias Pé do Monte e Aldeia Nova, inseridas no Parque Nacional de Monte Pascoal, no município de Porto Seguro (BA), tendo como enredo a explicação mítica do surgimento do monte. Nessa produção todos os personagens foram interpretados por indígenas pataxós, conforme a direção e orientação acerca da arte cinematográfica pelos agentes culturais do Umbandaum.

O grupo Umbandaum na produção do curta “A Lenda do Monte Pascoal” buscou articular os saberes tradicionais aos tecnológicos, coletivamente com os aldeados do Pé do Monte Pascoal e da aldeia Nova estruturou-se um formato de cultura midiática de afirmação identitária, para que essa produção cinematográfica pudesse contribuir para a formação educacional, política e cultural dos participantes do projeto, e futuramente como material paradidático de apoio às atividades educacionais nas escolas indígenas. Jaco Galdino (2019) lembra que:

Quando a gente fez o filme a “A Lenda do Monte Pascoal”, muitos questionaram, dizendo que não era bem assim... Por que era diferente, e que a gente estava querendo inventar uma história! A gente não estava querendo inventar uma história... A gente estava contando uma história de como uma aldeia do povo pataxó se vê dentro desse universo, de como os pataxós acreditam que era seu povo quando Cabral chegou aqui. Que era a verdade dele, então essa era a verdade dele. É como a gente entende as coisas.

O curta nasceu como uma proposição de descolonização do território simbólico, assim, o Monte Pascoal – ponto geográfico registrado pelo escrivão Pero Vaz de Caminha em 1500, passa a ser nessa narrativa o território sagrado dos pataxós, conforme os modos de pensar e de contar desses indígenas.

Nas proposições das oficinas e arrastões, o grupo Umbandaum busca em determinados eventos acordar a população local e visitantes/turistas para ocuparem as avenidas, praias, ruas, pois a música e o movimento pedem passagem, conduzindo todos à simbologia de um grande encontro possibilitado pelas expressões artísticas.

Nos arrastões, a memória longínqua do continente africano e do Brasil indígena é reconstruído em performances que ocupam as avenidas. De acordo com Cortês, Santos e Andraus (2011), por meio da arte, da dança, da vivência e da tradição, o artista retoma sua história pessoal. A valorização da cultura e da história de povos negros e indígenas, por meio da dança, literatura, música e do teatro no desenvolvimento do potencial criativo de cada participante, tem sido o foco das ações do Umbandaum.

Trata-se de mais um trabalho de intervenção social comprometido com a memória coletiva e com as tradições afro-indígenas regionais, talvez, uma forma de responder aos processos discriminatórios sofridos pela condição social, constituição étnico-racial, conforme aspectos apresentados por Jaco Galdino (2019):

## Linguagens e Culturas: Identidade, Ensino e Literatura

[...] porque a gente era discriminado, como a gente estava naquela situação periférica, onde as coisas nos eram negadas, e tinha uma marca negra. Eu acho também que uma coisa que foi marcante, que estava acontecendo em Salvador – a reafricanização do carnaval. No ano 2000 quando eu li o livro “Carnaval Ijexá entendi tudo o que aconteceu com a nossa trajetória, pois o que estava acontecendo em Salvador, no processo de reafricanização da música negra no carnaval! O Ylê, os Ijexás, os Blocos, os Trios Elétricos tocando Ijexá, Morais Moreira, Pepeu, toda aquela galera, Gilberto Gil, o retorno dos Filhos de Gandhi, os Blocos Afros, e aí aconteceu uma coisa que foi fantástico que foi a música de Gerônimo “Eu sou negão”! Aquele grito... “Eu sou negão”, me lembro em Caravelas de alguém falar com tanto orgulho “Eu sou negão”! Eu, era um grito de guerra, acho que isso ecoou na gente em 88, com a comemoração dos “100 Anos da Falsa Abolição”, aí essa coisa de ser negão veio forte!

A escravidão africana no Brasil é, certamente, um dos temas muito discutido por diferentes pesquisadores e instituições de estudos africanos e, no movimento Arte Manha de Caravelas, é tema trabalhado em rodas de conversa, dentre outras atividades que são realizadas pelos seus núcleos artístico-culturais e, nessa direção, o Umbandum tem contribuído com suas múltiplas formas de abordagens, linguagens, arte e performance. Para o desenvolvimento desse tema utiliza-se da leitura, discussão, interpretação e reflexão de textos, principalmente daqueles permitem uma melhor compreensão da diáspora africana, como por exemplo, dos estudos realizados das pesquisas de Gasparetto Junior, publicados nas obras “Navio Negreiro: uma história que se repete em pleno século XXI” (2009) e “origens dos escravos africanos e outros temas sobre negros e escravidão, situação que se multiplica na sociedade brasileira” (2009).

Há investimentos também na produção de um artesanato ecológico – denominada de ecoartesanal, que inclui marcenaria com madeira reaproveitada, olaria, decoração com materiais alternativos, costura, serigrafia, bem como a criação de adornos e de alegorias para os grupos culturais locais.

A partir da constatação de que as manifestações culturais não são reconhecidas pelos governos locais como atividades prioritárias e possíveis de gerar renda, os participantes do movimento investem na formação de jovens da comunidade. Nesse sentido, o objetivo das atividades do atelier ecoartesanal tem sido oferecer alternativas de geração de trabalho e renda, enfatizando a importância do trabalho cooperativo e de proteção ao meio ambiente, para que a realização de uma produção artística e artesanal tenha um significado cultural, promovendo, assim a valorização da identidade local e a autoestima dos artesãos.

O responsável pela oficina de entalhe é Dó Galdino, que ao falar dessa experiência não desvincula essa prática de sua história de vida:

Eu sou filho de uma família de criadores de animais e de agricultores que veio para essa cidade, Caravelas, no final da década de 70. Quando cheguei na cidade fui influenciado pelas inspirações da natureza e da cultura local, e a família tendeu-se para a expressão artística. A maioria das pessoas de dentro da família termina praticando várias modalidades de arte. Eu sou um deles! Desde os meus 12 anos eu trabalho com entalhe. (Dó Galdino, 2019)

As práticas do “fazer fazendo” no atelier ecoartesanal nos permitem entender que,

Uma pessoa qualquer, em seu ser culturalmente socializado, mesmo na infância, é, na qualidade de um ator social e de um autor cultural, uma experiência tornada individual da realização de uma cultura, ou de um entretecer de culturas. Sem empregar essa palavra, rara em seu tempo e pouco cara aos seus sucessores. (BRANDÃO, 2009, p. 719)

Trata-se, portanto, de experiências vivenciadas na relação entre conhecimento e prática que tornam a educação “uma das práticas sociais situadas em diferentes dimensões de uma cultura”, como Brandão (2009, p. 721). Nesse sentido, os agentes culturais do Umbandaum consideram que o método socioeducativo que vem se construindo é um *fazer fazendo*, explicitado por Jaco Galdino (2018) como uma metodologia que se organiza a partir de conhecimentos de suas “raízes” identitárias e nos próprios processos de construção das expressões artísticas e de demais movimentos de fomento de culturas e de formação política.

Quanto à oficina de música de instrumentos percussivos com ritmos afro-brasileiros, articula-se com as demais ações, especificamente como a dança, arrastões e participação do Bloco Umbandaum no carnaval. Nessa oficina forma-se músicos de bandas para shows e do próprio grupos de percussão, atendendo anseios de estudantes de diferentes idades, desde adolescentes de escolas de públicas a estudantes universitários. A educação musical se constrói articulada as demais ações do movimento, sem perder de vista a marca identitárias e cunho político dessas ações.

Já as oficinas de dança têm por objetivo possibilitar aos cursistas contatos com danças e músicas de matrizes africanas e indígenas, para que estes sejam conhecedores da cultura popular. A culminância das oficinas de dança sempre acontece em Mostras de Artes Integradas ou em espetáculos. Ao se valorizar a cultura e a história de povos negros e indígenas através da dança, os potenciais criativos de cada participante são

suscitados e muitas conversas circulam no contexto das aulas, a partir de temas diversos, como etnias, gêneros, culturas e aspectos históricos do negro e de indígenas na sociedade brasileira.

O Umbandaum realiza também intercâmbios culturais. Na realização dessas ações há interlocução com remanescentes afro-indígenas do extremo sul da Bahia, como a oferta de oficinas de linguagens artísticas, ministradas pelo coreógrafo e artista plástico Itamar dos Anjos junto a integrantes do grupo de percussão do Umbandaum.

As culturas trabalhadas nos intercâmbios como as demais estão alicerçadas em uma concepção antropológica da cultura, pensadas como formas diversas de se manifestar na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades envolventes. Para o Umbandaum a educação promovida nesses intercâmbios é que retroalimenta ações futuras e revela como pensam e vivenciam a cultura afro-indígena, conforme nos conta Ludimila Justino:

O Umbandaum é dentro de Caravelas, não só para Caravelas, como nós fazemos os intercâmbios, nós passamos para essas pessoas o que ser negro e como vivenciamos a nossa cultura, que não é totalmente da forma que eles veem pela televisão ou que elas ficam sabendo pela internet. Nós, nós temos que ter muito orgulho de ser nordestino, por que a gente trava uma luta pelo fato da xenofobia que a galera sempre retrata a gente, nós negros temos que ser empoderados sim, porque as pessoas geralmente não sabem da nossa luta e eles tiram conclusões de algo que eles viram, e eles não sentem na pele. (Ludimila Justino, 2018)

O bloco carnavalesco Umbandaum é mais uma das manifestações de rua do grupo que acontece no primeiro dia de carnaval. O tema escolhido para o carnaval de 2018 foi “Os 30 anos do Umbandaum”, assim o grupo levou uma síntese de todas as temáticas apresentadas ao longo de seus 30 anos de carnaval.

No carnaval o bloco consegue agregar os sujeitos que se consideram do Umbandaum. No carnaval de 2018 o coletivo foi constituído de aproximadamente 150 pessoas, sem mencionar os participantes dos *Arrastões*, quando a Banda Umbandaum do trio elétrico puxou os foliões, conduzidos pelos dançarinos do Umbandaum, no chão das avenidas de Caravelas.

Para se entender como essas formações são realizadas é de fundamental importância a participação, para não correr o risco de analisá-las sob uma categoria de análise prefixada. É preciso acolhê-las em seu conjunto, como uma realização histórico-social-cultural, cuja composição

e cujos interesses são modificados em função de fatores estruturais e conjunturais, constituindo-se sempre em nova inventividade.

A *Oficina Imagens... Palavras e Movimento* consiste na realização de atividades artístico-plástico-culturais intervencionistas, com aulas de dança afro-indígena, literatura e de artes plásticas, para jovens e adultos, envolvendo estudantes e moradores de escolas de comunidades tradicionais, em que ações culturais são raras ou quase inexistentes.

Esta atividade visa despertar os jovens estudantes para que eles tenham um olhar para a criatividade artística, construindo junto aos cursistas o conceito de arte e da importância desta no desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e cultural de cada um. Nas oficinas os jovens têm liberdade de exporem suas ideias, e que junto ao do professor outras propostas são levantadas, tendo como principal benefício a afirmação de valores socioculturais e da autoestima.

Todas as práticas educativas desenvolvidas pelo Umbandaum e Arte Manha, na perspectiva de Jaco Galdino, negam o modelo de educação escolar, pois esta não tem tratado das questões étnico-raciais de forma inclusiva e cidadã, ao considerar que,

A escola está toda errada! Confesso que eu não tenho uma fórmula qual seria o melhor modelo pra escola, mas o que está aí, tá errado. Já começa pelo formato, um formato de presídio, parece que tá dentro de um presídio... Muro alto, grade, salas fechadas, um corredor pra tomar sol, então... Eu acho que a experiência do Umbandaum, como de outros grupos, ele seria algo assim revolucionário dentro das escolas. Como um processo para a escola sair daquela caixa, trazendo os alunos para a rua, para outras experiências; que esses alunos pudessem sair da sala de aula para vivenciar essas e outras experiências, como dançar, e entender esse processo. Se esses alunos pudessem sair de dentro da sala de aula, vivenciassem essas experiências e levassem para dentro da sala de aula esse sentimento, essa forma de relação, para além dos muros das escolas, seria muito bom. Eu acho que a escola precisava sair da formalidade, a gente é muito direcionado para pensar igual, pra viver dentro de uma caixa. A gente é direcionado para ser construído cidadão marrado, bitolado, servil ao sistema. (Jaco Galdino, 2019)

Na busca pela ruptura com esse modelo de ensino escolar, o Umbandaum vem se constituindo, ao longo dos seus 30 anos de experiências, como um modo particular de realização de uma educação cultural, em que percebemos reflexões teóricas que se articulam com práticas culturais construídas por sujeitos diversos, esses como atores sociais de movimentos populares, conforme nos lembra Rui Galdino (2018) acerca de seus conhecimentos das histórias e das culturas negras.

## Linguagens e Culturas: Identidade, Ensino e Literatura

Posso dizer que praticamente foi dentro do Umbandaum, porque no ensino fundamental e no ensino médio, praticamente não ensinam a nossa história e a nossa cultura. E eu tenho meus pais, meus tios e tantos outros que já participaram do Umbandaum, foram trazendo esse tipo de informação para o fortalecimento do grupo, que até então, negro. Ter informações da sua cultura na escola é bastante difícil. Porque na escola prega-se aquele estilo de cultura europeia, e aquele tipo de informação é aplicado, não se busca levar a cultura do negro e do índio, para a formação das identidades. (Rui Galdino, 2019)

Para os entrevistados a educação ao ser transversalizada pelas culturas pode fomentar um trabalho político de recriação com o povo, em busca de uma conscientização de quem cada um é e do que é capaz. Nesse sentido o processo educativo do Umbandaum é avaliado como aquele que direciona os sujeitos para a formação política, para que estes conscientes de seus valores expressem seus pensamentos e valores. E como participantes em seus contextos possam gestar seus projetos de vida e da coletividade, pois, só se humaniza ao se reconhecer no outro em um mundo propriamente humano que a cultura é possível de ser criada. (BRANDÃO, 1985)

Como fora apontado pelos entrevistados, é importante valorizar a transformação por meio da cultura e da educação, sendo o teatro um instrumento cultural utilizado para trabalhar a humanização e a educação, que na perspectiva de Eugenio Barba (1991, p. 99), “o que importa é o motor. Às vezes, tem-se boa vontade, mas se carece de força motriz” e a cultura é um motor pessoal e ao buscar o sentido do teatro, define-o como “o lugar onde as convenções e os obstáculos sociais devem desaparecer” (2016, p. 22) e dar lugar a comunicação, e se tornar um lugar em que a coletividade é representada.

Nessa abordagem a afirmação identitária e a resistência étnico-cultural relacionam-se ao momento vivido e à emoção refletida no corpo, promovendo resistências e rupturas à política hegemônica, explicitadas em cada experiência e reencontro com a história, configurando-se em um engajar coletivo para uma nova consciência.

### *4. Considerações finais*

Nas trilhas das narrativas apresentadas percebemos que o Umbandaum é pensado como um corpo político, social, cultural e formador, por meio de seus signos culturais utilizados em protestos públicos, explicitam o que querem dizer, invocando um “nós” político.

O Umbandaum como um corpo coletivo em resistência, que nas concepções arendtianas, pelo caráter performativo um agir político em espaço ocupados coletivamente, pelas “formas de aliança e solidariedade que dependem apenas e parcialmente da capacidade [deste coletivo] aparecer na praça pública”. (BUTLER, 2018, p. 105)

Inferimos também que as práticas educativas presentes no Umbandaum se organizam em diversas modalidades, dos estudos de questões étnico-raciais às atividades práticas, como em oficinas de teatro, de dança, pinturas, músicas, percussão, de produção de textos e de documentários e/ou de curtas-metragens, pela capacidade de agir intencionalmente em grupo, com vistas a mudar o contexto político em que se insere.

As criações e as experimentações, com a adoção de diferentes linguagens, visam o empoderamento étnico-cultural dos diversos sujeitos assistidos pelo grupo Umbandaum, conforme observou Jaco Galdino (2019) pelo *fazer fazendo* o processo educativo desenvolvido ao longo dos trinta anos, vem permitindo estabelecer políticas de afirmação étnico-culturais Trata-se de uma longa caminhada histórica e de relações interpessoais estabelecidas e alimentadas pelos diálogos interculturais, nestes a inclusão e a valorização da histórica e da cultural de negros e de indígenas. Nessa perspectiva, podemos entender que este método do “fazer fazendo” tem se construído com táticas e estratégias de atuações culturais que subvertem a cultura dominante, pois há um projeto político de afirmação identitária que sustenta essas ações, em ruptura como os modelos que padronizam o gosto cultural; uma contracultura estabelecido do lugar de onde se vive.

As práticas socioeducativas realizada pretendem ser também democráticas, pelo respeito ao ser humano, este como a base de toda e qualquer atividade, conforme o depoimento de Carla Galdino (2018), uma vez que a função educativa tem a obrigação de respeitar o conhecimento, a realidade dos sujeitos e o seu cotidiano, sendo a função educativa do Umbandaum pelo distanciamento ao modelo da educação escolar regular.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBA, Eugenio. *Além das ilhas flutuantes*. A arte secreta do ator: dicionário de antropologia teatral. Campinas: Hucitec, 1991.

BARBALHO, Alexandre. Políticas culturais no Brasil: identidade e diversidade sem diferença. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre. (Orgs.). *Políticas culturais no Brasil*. Salvador: Edufba, 2007.

BOAL, Augusto. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

*BOLETIM Arte Manha: Umbandaum*: grupo afro-indígena de antropologia cultural. Caravelas: Arte Manha, maio de 2008.

BOTELHO, Isaura. Políticas culturais: discutindo pressupostos. In: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori. (Org.). *Teorias e políticas da cultura*: visões multidisciplinares. Salvador: Edufba, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação como cultura*. Campinas: Mercado de Letras, 1985.

\_\_\_\_\_. Vocação de criar: anotações sobre a cultura e as culturas populares. *Cadernos de Pesquisa*, vol. 39, n. 138, set./dez. 2009, p. 715-746.

\_\_\_\_\_. *O que é método Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 2017.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas*: Notas para uma teoria performatividade de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CUNHA, Maria Manuela Ligeti Carneiro da. Parecer sobre os critérios de identidade étnica. In: VITAL, L. (Coord.). *O índio e a cidadania*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

DIDI, Mestre. *Contos crioulos da Bahia*. Salvador: Núcleo Cultural Niger Okàn, 2004.

FERREIRA, Maria de Fátima de Andrade. Estudo sobre relação afroindígena, etnicidade e (contra)mestiçagem. In: LARKER, José Miguel; SANTANA, José Valdir Jesus de. *Revista Binacional Brasil – Argentina – RBBA*. Relação classe, raça e etnia. Dossiê Temático, vol. 7, n. 1. 2018. p. 395-392.

GASPARETTO JUNIOR, Antônio. Navios Negreiros. In: *HB – História Brasileira*: toda a história do Brasil [online]. 2009. Disponível em: <<http://www.grupoescolar.com/materia/o-trafico-e-os-navios-negreiros.html>>. Acesso em: 12 maio 2018.

\_\_\_\_\_. Os africanos no Brasil. In: *Portal da Cultura Afro-brasileira*. [online]. 2009. Disponível em: <[https://www.faecpr.edu.br/site/portal\\_afro\\_brasileira/3\\_II.php](https://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/3_II.php)>. Acesso em: 29 jul 2019.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

MESSEDER PEREIRA, Carlos Alberto. *O que é contracultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

SANTOS, Inaicyr Falcão dos. Corpo e ancestralidade: uma configuração estética afro-brasileira. In: *Repertório*, Salvador, n. 24, p. 79-85, 2015.

\_\_\_\_\_. Dança e pluralidade cultural: corpo e ancestralidade. In *Revista Múltiplas Leituras*, vol. 2, n. 1, p. 31-38, jan./jun. 2009.

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.